



FRIEDRICH NIETZSCHE: O PROCESSO DE APOGEU DA MORAL DOS ESCRAVOS SOBRE A DOS NOBRES.

THALES VARGAS RODRIGUES¹; PROF. DR. CLADEMIR LUIS ARALDI.³

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS 1 – e-mail: thales.rodrigues2@hotmail.com¹

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – e-mail do orientador: clademir.araldi@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

O trabalho dessa pesquisa pretende abordar a temática Ético-moral, presente no pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche, com o intuito de analisar de maneira mais abrangente a problemática central de sua ética, que se trata sobre o embate moral, presente na ética dos senhores e dos escravos. Visando explicar de maneira mais minuciosa como ocorreu o apogeu da moral dos escravos sobre a dos nobres, buscando ressaltar a perspectiva dos escravos da moral, a qual Nietzsche não explora devido a sua preocupação com a moral dos senhores, o que não chega a ser apenas uma peculiaridade de nosso filósofo, pois é notável a quantidade de pesquisadores e estudiosos que se debruçaram sobre essa questão, entretanto, muitos destes apenas tomaram um lado, ou defendendo ou criticando a concepção da ética nobre, mas muito pouco buscaram ver como esse processo descrito por Nietzsche se dá ou se manifesta na perspectiva escrava, o que é nosso interesse.

Na busca por compreender esse processo, orientei minha pesquisa a partir de dois questionamentos basilares que me fizeram começar este trabalho, sendo a primeira, como a moral dos escravos conseguiu se sobrepor a dos nobres? E se há alguma vantagem em ser escravo perante o nobre? E a segunda indagação, se seria possível realizar-se a moral dos nobres de alguma maneira? Visando responder essas indagações e impulsionada por essa problemática da moral nietzschiana, iniciei um processo arqueológico nas obras de Nietzsche, para buscar entender os seus mecanismos, desdobramentos e até lançar luz a conceitos que continuam “enterrados” em suas muitas páginas e obras, de modo estruturante e que, possibilitam esse embate ético-moral, e que a partir desses conceitos desvelados, pretendo mostrar a maneira que a moral escrava age no individual e no coletivo das pessoas e suas influências nas grandes transformações políticas do século XX e XXI.

2. METODOLOGIA

No percorrer do desenvolvimento dessa pesquisa, foram feitos leituras, anotações e aprofundamento na compreensão dos conceitos nietzschianos de “vontade de poder”, “bom e ruim”, “bom e mal”, “ressentimento”, “phatos da distância”, “vingança imaginária”, etc. Com o intuito de buscar um maior entendimento das obras de Nietzsche (“O crepúsculo dos Ídolos”, “Humano, Demasiado Humano”, “Gaia Ciência”, “Além do Bem e do Mal” e “A Genealogia da Moral”), como auxílio de seus comentadores como Antônio Edmilson Paschoal, Scarlett Zerbetto Marton, Christa Davis Campora e Clademir Luis Araldi. Visando a partir destes, a produção textual e buscando compreender com mais profundidade a questão da moral do senhor e do escravo, e todas as suas nuances.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao buscar tentar compreender o motivo pelo qual a moral dos escravos conseguiu se sobrepor a dos nobres, mesmo com a aparente limitação que lhe foi imposta, devido a sua falta de força fisiológica ou vontade de poder (vida) como nos é demostrado por Nietzsche.

Ademais, a moral do escravo, devido ao seu processo de ressentimento e de interiorização de sua fraqueza, faz surgir um processo maleável de adaptação a sua situação em um primeiro momento, e logo após começa a se deformar e tomar forma de acordo com a necessidade circunstancial ao qual o escravo se encontra, e ao longo de sua constituição, percebe-se que o ressentimento vai se desdobrando e se aperfeiçoando, em três grandes momentos, o primeiro sendo um sentimento que prejudica o escravo e o faz se “alienar do mundo” por falta de reconhecimento, e esse processo é marcado pela característica patológica.

A segunda forma de manifestação do ressentimento, em seu desdobramento posterior, será transformada no ódio, e seu projeto de “vingança imaginária” começa a se realizar através da criação de um “modo de vida” (tradição/costumes) e nesse momento, ela se torna prejudicial ao nobre, pois ela cria, a partir de si mesma sua própria distinção entre sua moral e a do nobre, por meio de uma cultura simbólica, que os dá reconhecimento mediante uma distorção da linguagem do nobre, ao substituí-la por sua própria linguagem simbólica, criando assim, uma ruptura, que arremetem a dois modos de ver o mundo, desfazendo o monopólio nobre sobre a linguagem.

No seu último desdobramento, o ressentimento vai tomar sua forma final, a qual é o sentimento de amor, que irá buscar universalizar a cultura identitária que o ódio adquiriu, e irá transformar a cultura em uma identidade espiritual, ou melhor, em uma cultura espiritual, estritamente simbólica, que irá se sobrepor de vez aos valores nobres e refinar a moral dos escravos ao ponto de sua “cultura espiritual”, se tornar o ápice da simbolização, isto é, uma religião que preserva seus valores.

E isso, ocorre porque os valores oriundos do ressentimento causam danos pisco-socio-patológico. Pois estes valores causam a alienação dos escravos (e seu adoecimento) sobre aquilo que é o real, eles criam em sua vingança imaginária, um mundo simbólico, verdades sagradas por meio da dialética, e todos os que tentam ameaçar o seu reino do céu na terra, sofrem com o conceito de “consciência crescente”, a qual Nietzsche chama também de “animalização de rebanho”, ou seja, só a um discurso unilateral e verdadeiro.

Quando essa consciência é questionada, desvela-se a partir dela dois grandes conceitos que estão presente na moral dos escravos, que pautam a suas ações de combate a moral dos nobres, a mais ativa, é o fanatismo (quando precisa reprimir com força), e a passiva, é a lesão moral. Que serve tanto como mentalidade individual, como também a social e desta última, surge a figura do Santo, o qual é o topo do homem ideal, para moral dos escravos.

Sendo essa organização interna da moral composta pelas fases do ressentimento, alienação, o ódio e o amor, que trouxeram à tona os mecanismos psicopatológicos da consciência dos escravos, em suas principais etapas correlatas com suas fases, que são, o adoecimento, alienação(interiorização), simbolização, vingança imaginária, consciência crescente, na qual está última se desdobrou em duas partes dessa



patologia, sendo a prática demonstrada pela ação do fanatismo e a passiva sendo o que podemos chamar de lesão moral.

Após observar toda essa evolução na estrutura interna da moral dos senhores e dos escravos, minhas atenções voltaram-se para o encontro da resposta da segunda parte da primeira questão, “se haveria vantagem de ser escravo perante o nobre?” visto que, o fato dela ter se perpetuado, explica como ela ocorreu e não o porquê ela se consolidou. O resultado dessa busca minuciosa foi constatar que há, sim, vantagens em ser e continuar sendo escravo ao invés do senhor. Pois, após a moral escrava ter-se saído vitoriosa e se estabelecido como moral dominante, ela proporcionou a quem a se submete a ela, os benefícios de, por exemplo, “não responsabilização dos seus atos”, a crença de serem “os portadores do único discurso verdadeiro sobre a realidade” e “O sentimento patológico de superioridade do escravo perante o Senhor, a inversão da fraqueza, que se torna o que é considerado forte”.

Já na segunda parte da pesquisa será analisado, se seria possível realizar-se a moral nobre de alguma maneira? Essa parte da pesquisa, busco defender, a partir do que foi argumentado no fundamento interno da moral, que ela não é possível de ser realizada nem no âmbito prático e nem no âmbito teórico. Pois, os valores dos escravos, se secularizaram e se infiltraram nas grandes questões políticas, sociais e econômicas que pautaram as revoluções mais importantes nos séculos XX e XXI.

Os grandes empecilhos para uma “aristocracia do espírito” que era o projeto político e moral de Nietzsche, estão nos valores religiosos (da moral dos escravos) que foram singularizados, sendo eles, a liberdade e a igualdade como dois grandes ídolos dos valores da plebe religiosa, que geram os seus protetores e mantenedores, sobre o aparente véu de antagonistas, porém são seus filhos siameses, isto é, o Comunismo e o Liberalismo.

4. CONCLUSÕES

Como resultado de nossas discussões, tenho a pretensão de ir um pouco mais além do que aquilo que Nietzsche traz buscando saber a origem dos nossos valores morais e defender em sua Genealogia da moral, a tese de que a moral escrava, seria apenas um equívoco grotesco, da verdadeira moral, a dos nobres.

Portanto, o que pretendo demostrar é, a existência de um fundamento na moral dos senhores e dos escravos, que se dá a partir dos mecanismos da moral escrava, que na verdade tem o verdadeiro protagonismo nessa relação, ao contrário do que Nietzsche tenta colocar esse enfoque na moral dos nobres, pois, é o ressentimento que impulsiona a moral dos escravos, e assim, dá o dinamismo e as transformações que vemos na história da moral.

Sendo esse dinamismo, oriundo do fundamento interno da moral, mais especificamente a dos escravos, que se organiza a partir de fases. Como, o ressentimento, a alienação, o ódio e o amor, que trouxeram à tona os mecanismos psicopatológicos da consciência dos escravos, em suas principais etapas correlatas com suas fases, que são adoecimento, alienação (interiorização), simbolização, vingança imaginária, consciência crescente, na qual está última se desdobrou em duas partes dessa patologia, sendo a prática demonstrada pela ação do fanatismo e a passiva sendo o que podemos chamar de lesão moral.

Todas essas etapas e processos, nos mostram outra perspectiva, que vem não só se contrapor a perspectiva de Nietzsche sobre a importância da moral escrava, como

também, quem sabe ainda de maneira complementar, para explicar de maneira mais aprofundada esse embate dessas duas grandes morais, analisadas pelo filósofo alemão, segundo esses conceitos agora desvelados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACAMPORA, Christa Davis. “Inimigos Mortais, Lesões Morais”. In: I Colóquio Internacional “A Filosofia de Nietzsche e a Teoria Política: Abordagens Contemporâneas”, 14.05 2015, Santa Catarina. **Anais eletrônicos** [...] Santa Catarina: Grupo de Estudos Nietzsche e a Teoria Política (GENTP)-UFSC, 2015. Disponível em: <https://nietzschateteoriapolitica.files.wordpress.com/2015/05/christa-acampora.pdf>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

ARALDI, Clademir. **A espiritualização da paixão. Sobre a moralização dos impulsos em Nietzsche**. Revista: Periódicos Eletrônicos em Psicológica, vol.12 no.2 São Paulo 2010, 22 de fevereiro de 2010. Seção Natureza Humana. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302010000200005#:~:text=A%20espiritualiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20paix%C3%A3o%20\(dos.de%20sua%20cr%C3%ADtica%20da%20moral](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302010000200005#:~:text=A%20espiritualiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20paix%C3%A3o%20(dos.de%20sua%20cr%C3%ADtica%20da%20moral). Acesso em: 2 de outubro de 2022.

MARTON, SCARLETT. **Nietzsche: da análise psicológica à fórmula da décadence**. Cadernos Nietzsche, v. 41, p. 45-62, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4102sm>. Acesso em: 4 de janeiro de 2023.

MARTON, SCARLETT. **Nietzsche e a Crítica da Democracia**. Dissertatio, v. 33, p. 17-33, Pelotas 2011, 01 de julho de 2011. Seção Periódicos UFPEL. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/issue/view/528>. Acesso em: 8 de julho de 2023.

NIETZSCHE. Friedrich. **A Gaia Ciência**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras,2001.

NIETZSCHE. Friedrich. **Além do bem e do mal, Prelúdio a uma filosofia do futuro**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras,1992.

NIETZSCHE. Friedrich. **A Genealogia da Moral, Uma Polêmica**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras,1998.

NIETZSCHE. Friedrich. **Crepúsculo Dos Ídolos**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras,2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras,2000.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. **Nietzsche e o Ressentimento**. - São Paulo: Humanitas,2014.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea. Brasília, vol. 4, nº 1, p.34 - 43, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12531/10946>. Acesso em: 8 de novembro de 2022

PRINZ, Jesse J. **A construção emocional da moral**. Tradutor: Nythamar de Oliveira ... [et al.] – Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. Disponível em: <https://www.fundafenix.com.br/ebook/201emocionaldamoral>. Acesso em: 15 de maio de 2023.